



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE
LICENCIATURA EM LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ZARQUEU MANOEL DA SILVA

**A SABEDORIA de ROSVITA DE GANDERSHEIM: PROTAGONISMO
FEMININO NO TEATRO ROSVITIANO**

João Pessoa

2020

ZARQUEU MANOEL DA SILVA

**A SABEDORIA de ROSVITA DE GANDERSHEIM: PROTAGONISMO
FEMININO NO TEATRO ROSVITIANO**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção de graus de Licenciatura em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne

João Pessoa

2020

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586s Silva, Zaqueu Manoel da.

A sabedoria de Rosvita de Gandersheim : protagonismo
feminino no teatro Rosvitiano / Zaqueu Manoel da
Silva. - João Pessoa, 2020.

53 f.

Orientação: Luciana Eleonora de Freitas Calado
Deplagne.

TCC (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Protagonismo feminino. 2. Vozes das mulheres. 3.
Evidência. 4. Sabedoria de Rosvita. I. Deplagne,
Luciana Eleonora de Freitas Calado. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82.09

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus, por me conceder saúde, sabedoria e discernimento para diariamente realizar os estudos necessários e por não me deixar desamparado.

Em especial, a minha orientadora, por sua paciência, diga-se de passagem, que não é pouca, por tolerar meus atrasos, entender minhas dificuldades e angústias e por brilhantemente me guiar nesse caminho. Que durante esse processo, com toda sua humanização me apontou falhas, me indicou leituras, me incentivou a escrita e que tanto me ajudou no enriquecimento humano e intelectual. Hoje, mais que minha orientadora, minha grande amiga.

Aos meus pais e minha irmã, sobretudo à minha mãe, que mesmo com pouca instrução, nunca mediu esforços para que pudéssemos estudar e nunca me deixou desistir, me amparando nos momentos difíceis e sempre acreditando na minha capacidade.

Agradeço a minha família, por todo o apoio aos meus estudos mesmo que indiretamente, em especial ao meu avô João, lavrador, negro e de origem pobre, mas que mensalmente mandava o dinheiro para pagar minhas passagens para que eu pudesse ir à universidade.

Expresso meu muito obrigado a meus amigos e minha turma “perdidos na noite”, que me acolheram tão bem e me fizeram se sentir partes deles, mais precisamente, a Laura Emília e Crislayne Beija que foram minhas fiéis escudeiras durante os últimos 4 anos. Tolerando meus surtos, meu gênio forte e minha falta de paciência e ainda no hall de amigos próximos minha amiga que tenho em elevada estima Leyla Martins, por todas as vezes que dividimos nossas angústias, que pactuamos do sentimento de desespero, mas também por todas as alegrias.

As professoras da banca examinadora, pela disponibilidade em ler meu trabalho e que não hesitou quando precisei de sua ajuda.

Estendo meus agradecimentos a todos meus professores, que durante essa trajetória na universidade, me ensinaram e me apresentaram uma vastidão de conhecimentos.

Por último e não menos importante, à Universidade Federal da Paraíba, em nome da Professora Dr. ^a Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira, a qual hoje tenho como grande amiga, pelo incansável fomento ao ensino, pesquisa e extensão, trabalhando diuturnamente para que a universidade nunca deixasse de lado seu papel transformador.

"[...]. Recuperar a literatura de autoria feminina na Idade Média, mais do que um simples trabalho de recuperação e catalogação dessas escritas, significa entender melhor os espaços, sejam espaços sociais, culturais, políticos, acadêmicos, que nós mulheres contemporâneas, ocupamos hoje. Trata-se de alargar o nosso campo de visão e compreensão da história de uma assimetria de poder em que fomos afastadas, por muito tempo, do espaço público e as consequências das reflexões (e ações) que disso podemos retirar. "

Maria Simone Marinho Nogueira

RESUMO

Utilizamos como fonte de análise, a peça *Sabedoria* de Rosvita de Gandersheim, traduzida por Jean Luis Lauand (1986). A peça narra a história de Santa Sabedoria (Santa Sofia) e de suas três filhas denominadas Fé, Esperança e Caridade, que são denunciadas ao Imperador Adriano, por Antíoco. Após serem mortas (decapitadas), Cristo atende as preces de Sabedoria, que ascende aos céus juntamente com suas filhas. Rosvita foi monja Beneditina de origem saxônica e viveu boa parte de sua vida reclusa na abadia de Gandersheim, sendo primeira mulher de que se tem registro, a escrever poemas épicos e a primeira escritora alemã em latim. Assim como Rosvita, elencamos outras mulheres que desempenharam papéis fundamentais no medievo e que seus escritos até hoje servem como “*corpus*” para diversas pesquisas. Temos como objetivo evidenciar o protagonismo das personagens femininas, nos pautamos na teoria da crítica feminina e na proposta decolonial, tendo como fundamentação teórica a definição desenvolvida pela pesquisadora Luciana Deplagne (2019) e da crítica literária feminista abordada pela escritora Milagros Garretas (1990). Após exposição teórica e recortes da peça que evidenciam o protagonismo feminino, conclui-se que se faz mais que necessário o fomento à pesquisa e os estudos acerca dos escritos de autoria feminina, para que possamos devolver suas vozes, ora tirada pela sociedade patriarcal, a qual as oprimiu e subjugo-as, tendo por dívida histórica a “decolonização” dessas mulheres e suas obras, pondo-as em patamar de igualdade com todos os outros escritos aclamados pela crítica literária.

Palavras-chave: Protagonismo Feminino; Vozes das Mulheres; Evidência; Sabedoria de Rosvita.

ABSTRACT

We used as a source of analysis, the piece *Wisdom of Rosvita* by Gandersheim, translated by Jean Luis Lauand (1986). The play tells the story of Santa Wisdom (Santa Sofia) and his three daughters called Faith, Hope and Charity, which are denounced to Emperor Hadrian by Antiochus. After being killed (beheaded), Christ answers the prayers of Wisdom, which ascends to heaven together with his daughters. Rosvita was a Benedictine nun of Saxon origin and lived a large part of her life in Gandersheim Abbey, being the first woman on record, writing epic poems and the first German writer in Latin. Like Rosvita, we list other women who played fundamental roles in the Middle Ages and whose writings still serve as “*corpus*” for various researches. We aim to highlight the role of female characters, based on the theory of female criticism and the decolonial proposal, having as a theoretical foundation the definition developed by researcher Luciana Deplagne (2019) and feminist literary criticism approached by the writer Milagros Garretas (1990). After theoretical exposition and clippings of the play that show the female protagonism, it is concluded that it is more than necessary to promote research and studies about the writings of female authorship, so that we can return their voices, now taken by the patriarchal society, which oppressed and subjugated them, having as historical debt the “decolonization” of these women and their works, placing them on an equal footing with all other writings acclaimed by literary criticism.

Keywords: Female protagonism; Women's Voices; Evidence; Rosvita wisdom.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I – ESCRITORAS MEDIEVAIS: apresentando o contexto histórico de Rosvita de Gandersheim	2
1.1. Rosvita de Gandersheim	2
1.2. Intelectuais da Idade Média	4
CAPÍTULO II - CRÍTICA FEMINISTA E A PROPOSTA DECOLONIAL.....	8
CAPÍTULO III - ANÁLISE DA PEÇA <i>SABEDORIA</i> DE ROSVITA.....	12
3.1. Contextualizando a peça	12
3.2. Protagonismo das personagens femininas	13
CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
REFERÊNCIAS	20
ANEXO	22

INTRODUÇÃO

No presente trabalho, utilizando como fonte de análise, a peça *Sabedoria* da escritora Alemã Rosvita de Gandersheim, traduzida por Jean Luis Lauand (1986), temos como objetivo evidenciar o protagonismo das personagens femininas. Tecemos algumas considerações a luz da proposta decolonial tendo como fundamentação teórica a definição desenvolvida pela pesquisadora Luciana Deplagne (2019) e da crítica literária feminista abordada pela escritora Maria Milagros Garretas (1990), bem como levamos em consideração reflexões de historiadores e medievalistas, como Margot Berthold, Zenaide Bovolim, Jacques Le Golf, Manuel Ortuño, Mirtes Pinheiro, Ana Miriam, Djamila Ribeiro, entre outros. Optamos por dividir o trabalho em três capítulos e após uma breve explanação acerca de sua vida e obra, trazemos também exemplos de outras intelectuais da Idade Média que desempenharam papéis fundamentais no medievo e que seus escritos até hoje servem como “*corpus*” para diversas pesquisas. Por fim, são apresentados trechos da peça como forma de evidenciar o protagonismo das personagens femininas, sua força, inteligência e feminilidade. Lançando luz sobre essas mulheres que tanto foram oprimidas e subjugadas pela sociedade patriarcal.

CAPÍTULO I – ESCRITORAS MEDIEVAIS: apresentando o contexto histórico de Rosvita de Gandersheim

Ao longo dos séculos marcados pelo patriarcado, inclusive no período medieval, as mulheres sempre foram enquadradas em posição de inferioridade. Essa disparidade imposta, ocorria em todos os segmentos, muito embora é sabido por muitos pesquisadores e pesquisadoras que, uma parcela significativa de mulheres na Idade Média leigas e/ou religiosas atuavam como escritoras, professoras, monjas, compositoras, médicas, etc. É o caso da Monja Beneditina Rosvita de Gandersheim. Podemos afirmar que Rosvita foi a pioneira nos escritos de teatro medieval, como afirma a pesquisadora Luciana Dias (2018, p.45) “a monja Beneditina do século X não é apenas uma das primeiras mulheres cultas que a Idade Média tem registro, mas a primeira mulher a retomar a composição teatral, dentro do horizonte medieval” (DIAS, 2018. p. 45). Rosvita é a primeira mulher de que se tem registro, a escrever poemas épicos e a primeira escritora alemã em latim, através de seus escritos dota suas personagens de força e virtudes de capacidade de discernimento que até então não se tem notícias de que tenha havido na tradição clássica.

Afim de contextualizar e familiarizar o leitor acerca da autora da obra que analisaremos neste trabalho, farei um breve relato da vida e obra de Rosvita, em seguida apresentando também outras intelectuais do medievo, que contribuíram e até hoje servem como fonte de pesquisas e inspiração.

1.1. Rosvita de Gandersheim

Monja Beneditina de origem saxônica, Rosvita viveu boa parte de sua vida reclusa na abadia de Gandersheim, importante centro econômico situado na região central da atual Alemanha. Tendo suas datas de nascimento e origem incertas, Rosvita nasceu aproximadamente em 935 d.C. e morreu por volta do ano 1000 d.C. Escreveu seis peças de teatro, oito poemas e duas crônicas Épicas. Com caráter de cunho moral, tratando da vida, da vitória da fé e da pureza, através de suas peças, Rosvita utiliza-se da forma literária para inovar e escrever sobre temas que considerava importantes ser ensinados e preservados. Sendo a primeira de suas peças de *Gallicanus* (Conversão de Galicano, general dos exércitos); a segunda de *Dulcitius* (Dulcício ou Martírio das santas virgens Ágape, Quiônia e Irene – que simbolizam respectivamente a Caridade, a Pureza e a Paz); outra de

Callimachus (Ressurreição de Drusiana e Calímaco); a quarta de *Abraham* (Caída e conversão de Maria, sobrinha do eremita Abraão); a quinta *Paphnutius* (Conversão da meretriz Taíde) e por último *Sapientia* (Martírio das virgens santas: Fé, Esperança e Caridade).

Os poemas são de conteúdos hagiográficos, um deles versa sobre a Virgem Maria, outro sobre a ascensão de Cristo e os outros seis sobre as vidas de alguns santos (*Gandolph*, *Pelágio*, *Theophilus*, *Basilius*, *Denis*, *Agnes*).

Acerca dos poemas épicos, Rosvita escreveu *Gesta Ottonis*, uma biografia da vida do Imperador Otto I e o outro intitulado *Primordia Coenobii Gandershemensis* que relata as origens do mosteiro em que viveu maior parte de sua vida.

Seus escritos são pautados na defesa da educação e independência feminina, foram reunidas em um único documento chamado *Codex Bayerische Staatsbibliothek Clm 14485*, que segundo Manuel Ortuño Arregui (2016) “foi escrito por várias mãos em Gandersheim no final do século X e início do XI”¹, descobertos posteriormente por volta de 1493 d.C. e publicados em Nuremberg, em 1951, por Conrad Celtis. Segundo a pesquisadora Rivera Garretas (1990, p. 82)

Dentre as escritoras europeias conhecidas que viveram antes do século XII, Rosvita é sem dúvida a mais famosa, que nos deixou uma obra mais extensa e mais completa, sendo a primeira mulher que expressou publicamente sua consciência de identidade feminina separada, refletindo em suas obras: Rosvita apresenta insistentemente enfrentamentos, lutas e tensões entre mulheres e homens, e sobretudo vinganças e vitórias de mulheres sobre homens²

Podemos dizer que Rosvita pertencia a uma linhagem de família abastada, muito embora não haja registros de sua infância fora do convento. Isto se dá pelo fato da abadia ter sido criada para educar as filhas da alta aristocracia saxônica, sob os auspícios do Imperador

¹ Tradução nossa. Ibidem, p. 56: Un manuscrito escrito por varias manos en Gandersheim entre el final del siglo X y el inicio del XI.

² Tradução nossa. Ibidem, p. 82: De las escritoras europeas conocidas que vivieron antes del siglo XII, Hrotsvitha es, sin duda, la más famosa, la que nos ha dejado una obra más extensa y más compleja, la primera mujer que expresó publicamente su conciencia de identidad femenina separada, reflejádola en la acción de sus obras: Hrotsvitha presenta insistentemente enfrentamientos, luchas y tensiones entre mujeres y hombres, y, sobretodo, revanchas y victorias de mujeres sobre hombres.

Otto I, o convento provia educação de alto nível, suas madre-abadessas eram parentes próximas das famílias reais. A abadia de Gandersheim era provida de “seus próprios tribunais de justiça, de exército e de sua própria moeda”³ (GARRETAS, 1990, p. 82).

De acordo com Goullet (2000), no que cerne a cultura e educação “[...] um dos principais centros de difusão da cultura é o mosteiro, em companhia das mulheres existia um tipo original de abadessa, que tinha o costume de chamar capítulo de damas nobres, povoado de canonisas da mais alta linhagem: é este o caso de Gandersheim, cuja abadessa é na época de Rosvita, uma sobrinha do Imperador Oton I” (GOULLET, 2000, p. 17 *apud* BOVOLIM, 2005, p. 82).

É nesse cenário que Rosvita cresce e se familiariza com os escritos da vasta biblioteca do convento, tendo acesso a autores como Horácio, Ovídio, Boécio, Virgílio e Prudêncio, bem como a textos litúrgicos e hagiográficos, o que lhe permitiu “educar-se, atuar como educadora e tornar-se conhecida por sua produção literária, tanto no campo religioso como secular, pertencendo a um grupo de mulheres e monjas medievais detentoras do conhecimento, situação pouco comum na época” (BOVOLIM, 2005, p. 86). Através de seus estudos, leitura e educação clerical, desenvolve e estimula sua escrita, tendo como “objetivo, entreter e moralizar como as leituras de refeitórios, por exemplo) as companheiras de Gandersheim”⁴ (GARRETAS, 1990, p. 83). Não se sabe ao certo se as peças de Rosvita foram alguma vez encenadas, se ela as escreveu apenas como exercício literário, utilizado apenas para a distração de suas companheiras do convento, ou se tiveram um público maior, com encenação propriamente dita, de toda forma podemos afirmar que, “além de exaltar os ideais religiosos, ela transmitiu aos ocupantes dos mosteiros ensinamentos mínimos sobre a civilização clássica e sobre as artes liberais: o *trivium* (gramática, retórica e dialética) e o *quadrivium* (aritmética, geometria, música e astronomia)” (BOVOLIM, 2005, p. 15).

1.2. Intelectuais da Idade Média

Assim como Rosvita, é possível elencar outras mulheres que desempenharam papéis fundamentais no medievo e que seus escritos até hoje servem como “*corpus*” para diversas

³ Ibidem, p. 82: Que tenían sus propios tribunales de justicia, su ejército, su ceca e su representante em la Dieta imperial.

⁴ Tradução nossa Ibidem, p. 83: No tendrían outro objetivo que entretenes y moralizar (como lecturas de refectório, por exemplo) a las compañeras de Gandersheim.

pesquisas, como é o caso de Trótula de Rugiero no (séc. XI), Hildegarde de Bingen (séc. XII), Christine de Pizan (séc. XIV), entre outras. Não me proponho aqui a realizar um compilado ou estudo detalhado acerca das obras e vida das escritoras, mas de apenas trazer algumas informações que visam contextualizar e comprovar o vasto conteúdo deixado por estas mulheres.

Trótula foi médica ginecologista, preocupou-se em escrever com objetivo de não só curar as mulheres de suas doenças, mas também para tirar delas a carga de culpa que o machismo e misoginia fazia cair sobre elas. Segundo Le Goff (2006) as mulheres são mais propícias às doenças e o homem deve ter cautela, também seus desejos sexuais são maiores:

É necessário tornar mais racional a mulher, dotada da capacidade de gozos repetitivos que supera, em muito, a do macho, ela é insaciável. Cabe ao homem, não se entregar as carícias imoderadas a fim de evitar um estado de agitação impossível de refrear”. (LE GOFF, 2006. p. 478 - 479).

De acordo com o sistema moral cristão, as mulheres eram hostilizadas e culpadas por diversos acontecimentos, inclusive a infertilidade masculina, a qual era atribuída a responsabilidade as mulheres de copular com seu marido a fim de conceber-lhe filhos.

É visando aliviar e ajudar as mulheres que Trótula escreve seus dois tratados médicos, *De ornatu mulierum* (Como tornar belas as mulheres), também chamado *Trótula minor* (Trótula menor) e o *De passionibus mulierum*, conhecido como *Trótula maggiore* (Trótula maior). Neles, a médica trata de problemas como corrimento vaginais, pruridos, falta ou excesso de menstruação, questões que retratavam a realidade de muitas mulheres, mas que estas não se sentiam à vontade para relatar a médicos homens, Trótula por ser mulher e ginecologista, tinha maior abertura para tratar do assunto com as mulheres de sua época. Além de tratar sobre as doenças e questões ginecológicas, seus tratados também apresentam sugestões de beleza, óleos corporais, higiene, dor de dente, mau hálito, disenteria, reposição de virgindade da mulher:

Se por motivo digno, não nos fosse permitido tratar sobre a redução da amplitude da vulva, não faremos qualquer menção, mas, uma vez que, às vezes, a concepção é impedida por causa disso, é necessário intervir para sanar tal impedimento. Pegue [...] argila da Armênia, casca de romã, clara de ovo, almecega, cecídios, reduza a pó, misture todos juntos a água quente e aplique tal preparo no orifício que dá acesso ao útero. (RUGGIERO, p.115).

Autoridade em medicina e cuidados das mulheres, mestra da Escola de Salerno, escreveu tratados médicos nos campos da ginecologia, cosmética e obstetrícia, visando não só orientar e indicar remédios e ervas medicinais para cura de doenças físicas - como doenças sexualmente transmissíveis, infertilidade - mas também apresentando sugestões para o cuidado com a beleza, prevenção de gravidez, controle da menstruação e natalidade, higiene, sendo algumas dessas recomendações utilizadas até os dias de hoje (DEPLAGNE, 2008).

Outra célebre escritora acerca não só dos cuidados com o corpo feminino, foi e é Hildegarde de Bingen. A Santa Hildegarde foi também abadessa, cientista, teóloga, pregadora, filósofa, linguista, pintora, compositora, poeta, dramaturga e terapeuta, arquiteta. Tendo se destacado no período em que viveu, a monja era agraciada por visões e respeitada não no mosteiro, mas fora dele.

Segundo a pesquisadora e fomentadora de Hildegarde, Mirtes Pinheiro (2017) a monja era detentora de poder e voz perante a sociedade em que vivia, sua sabedoria e ensinamentos eram desde a nobreza até os camponeses,

Hildegarda foi capaz de reformular e, até mesmo inverter as noções de autoridade, conseguindo não só o apoio para suas causas, como tendo monges secretários que ficavam ao seu serviço, auxiliando na transcrição de suas visões. Movida pela fé, era inteligente, determinada e muito distante da imagem da abadessa de convento dada ao recolhimento, à discricção, à submissão e ao apagamento. Ela fez questão de deixar registradas as suas visões, atestando-lhes a veracidade, inclusive através de suas cartas. (PINHEIRO, 2017. p. 25).

Neste breve apanhado sobre algumas mulheres do medievo, destaca-se também Christine de Pizan. Tendo vivido entre o final do século XIV e início do século XV, Pizan foi uma intelectual que recebeu a missão de edificar uma cidade que serviria de refúgio para as mulheres, na qual estas poderiam sentir-se seguras e acolhidas, utilizando-a como “morada eterna”.

A obra *A cidade das damas* [1405]⁵ é mais uma dentro do vasto arcabouço de escritos de autoria feminina que denuncia as relações de poder exercidas contra as mulheres, trazendo à tona práticas de opressão praticadas até os dias atuais, como os vários tipos de violência, a desvalorização, a falta de representatividade feminina em cargos de poder, etc. Não caindo no viés do anacronismo, pode-se dizer que *A cidade das damas* representa um exemplo de

⁵ PIZAN, Christine. **A cidade das damas**. Tradução e apresentação Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne. Florianópolis: Editora Mulheres, 2012.

obra “protofeminista” ou “arqueofeminista”, em que através da potência da “sororidade”, a autora constrói uma “História das mulheres”, com as centenas de biografias de mulheres da mitologia, da História, da vida cotidiana. Mulheres de todas as camadas e classes, são convocadas a unir forças com intuito de edificar e fortificar a cidade, para que este seja seu refúgio “*como morada eterna até o final dos tempos*” (PIZAN, 2012. p.67). De acordo com a medievalista Ana Miriam (2018) o livro possui uma inteireza própria nos remetendo a outros textos e ao contexto da escritora e que através de sua leitura somos obrigados a “reconhecer nossa ignorância, especialmente em relação à diversidade de mulheres sábias, guerreiras, rainhas, escritoras, santas e profetas que nele são apresentadas” (WUENSCH, 2018. p.113).

É notória a contribuição das mulheres através de seus escritos, muitas vezes utilizando-os como forma de se impor frente à sociedade machista e patriarcal, elas produziam e eram parte dos seres pensantes da época. Vale citar o que diz a pesquisadora LIVINGSTONE (1998 *apud* DEPLAGNE, 2008) ao escrever um artigo para a revista feminina CLIO: “as mulheres não estavam ‘na margem’. Elas não eram o ‘outro’, e sim indivíduos bem instalados no coração das relações estruturadoras da sociedade”.

Através dessas pesquisas é possível dar a visibilidade que não só Rosvita, mas as mulheres do medievo que tiveram seu protagonismo apagado da história, sendo silenciadas por discursos misóginos e patriarcais da historiografia tradicional, que muitas vezes atribuíram a homens, escritos de autoria feminina, como no caso do referido tratado médico de Trótula.

A partir daí, vemos como algo de extrema urgência a divulgação de obras de autoria feminina escritas no período medieval, como forma de apresentar uma outra imagem dessa era, considerada ainda tão masculina. Diante disso, direcionamos nossa pesquisa à luz da crítica feminista, através da perspectiva do pensamento decolonial acerca da Idade Média, e será melhor desenvolvida no segundo capítulo deste trabalho.

CAPÍTULO II - CRÍTICA FEMINISTA E A PROPOSTA DECOLONIAL

Vale ressaltar que muitas dessas vozes de mulheres foram inferiorizadas, silenciadas, ignoradas ou apagadas da tradicional historiografia sobre a Idade Média. Isso se dá, não por seus escritos serem de menor importância, ou por não terem existido, mas por autores terem se apropriado de suas obras indevidamente, assumindo suas autorias até ainda por pesquisadores erroneamente fazerem interpretações distorcidas dos textos e atribuí-los a uma autoria masculina. Observa-se também um descaso proposital da historiografia de vários campos do conhecimento em inserir a produção das mulheres como um conhecimento menor e assim não serem dignas de incluir no cânone literário.

Uma vez que um pesquisador se propõe a escrever sobre textos de autoria feminina ou sobre mulheres escritoras, é primordial lançar luz sobre a fala dessas mulheres, para não cair na falha de realizar inferências ou interpretações pessoais, deixando em segundo plano o “lugar fala” da autora.

A pesquisadora Djamila Ribeiro (2017) faz considerações indispensáveis sobre o local de fala:

Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social. Quando falamos de direito [...] à voz, estamos falando de *locus* social, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência (RIBEIRO, 2017, p. 36).

As experiências, as dificuldades e até mesmo as oportunidades vivenciadas por cada pessoa, por um grupo e nesse caso, por um gênero, refletem em muito na sua escrita e protagonismo. Nesse contexto encontra-se nos escritos de autoria feminina, suas vozes, um discurso que parte de um lugar ocupado por elas, com suas vivências, denunciando através destes, as opressões e atrocidades vividas.

A medievalista Luciana Deplagne (2019) chama atenção para o fato de que, ao realizar pesquisas sobre os estudos de gênero e o discurso de autoria feminina, o pesquisador deve estar atento em como sua perspectiva – acrescento aqui experiências e opinião – podem influenciar no resultado de sua pesquisa, consequentemente, na interpretação dada a voz das mulheres:

[...] o estudo das relações de gênero, como o de qualquer outro domínio de conhecimento, é indissociável da perspectiva adotada pelo pesquisador/a e do interesse que move suas investigações. Revela-se, portanto, fundamental observar

a perspectiva adotada nos estudos sobre o papel da mulher e as relações de gênero ao longo do tempo, para não cairmos em armadilhas da neutralidade ideológica de estudos científicos. Observar o “lugar de fala” do pesquisador/a pode auxiliar na compreensão do que se deve esperar dos resultados divulgados, bem como do grau de inovação, adquirido a partir de tal conhecimento, capaz de intervir na construção de outras narrativas sobre o passado (DEPLAGNE, 2019, p. 30).

Por isso a necessidade de uma escrita que visa dar visibilidade as autoras femininas, evidenciando o apagamento e as imposições nas relações de poder sofridas pelas mulheres no período medieval.

Segundo Nogueira (2018) a literatura de autoria feminina deve se situar no *locus* que lhe é próprio, ou seja, nem escuridão nem deslumbramento, nem inferno nem paraíso, mas reflexão das mulheres no seu tempo. Ainda de acordo com a autora

Esta clareza do locus em que está inserida a literatura feminina medieval é, acredito, uma contribuição importante para o desvelamento da Idade Média que deve oferecer, sem perder de vista o horizonte da literatura, motivos para refletir sobre o mundo à nossa volta, encontrando nos textos literários medievais vozes femininas que denunciaram, dentre outras coisas, os silenciamentos por aquele que estavam no poder. (NOGUEIRA, 2018, p. 134).

Esse silenciamento e tentativa de apagamento das vozes femininas se dá pelo fato de uma reprodução de um discurso pautado no binarismo e submissão feminina, ao qual as mulheres são postas abaixo dos homens nas relações de poder. Esse discurso, fomentado pela política sexual visa um distanciamento da paridade entre homem/mulher e estabelece diferenças entre estes nas relações sociais.

A escritora Maria Milagros Garretas (1990) define política sexual como sendo “as relações de poder que são estabelecidos e se estabelecem entre homens e mulheres em razão do sexo. Estas relações gerem um contrato social e as desigualdades de classe”⁶ (GARRETAS, 1990, p.14). Conforme descrito por Garretas, as desigualdades de classe são geridas por um contrato social ao qual estabelece a relação de poder do homem perante a mulher, por diversas vezes reproduzido em larga escala na sociedade.

Os estudos de autoria feminina, diferente do que muitos pensam, não visam atribuir um papel de superioridade às mulheres, nem também de rebaixamento do sexo masculino,

⁶ Tradução nossa. Ibidem, p. 14: Por política sexual entendo las relaciones de poder que se han establecido y se establecen entre hombres y mujeres em razón de sexo. Esta relaciones son previas a las que supuestamente regula el contrato social (y que generan, por exemplo, las desigualdades de classe).

mas sim por em patamar de equidade, desconstruindo o conceito colonial do patriarcado que a qual subordina as mulheres em razão do sexo e menospreza sua existência intelectual.

Ainda de acordo com GARRETAS (1990) é importante se debruçar sobre as obras escritas pelas mulheres nos diferentes contextos sociais, pois tudo que estas mulheres escreveram faz parte da nossa história, compõe essa genealogia

Penso simplesmente que o pensamento feminista ocidental construiu e sistematizou nos últimos vinte e cinco anos um conjunto de categorias e modelos de análise que são perfeitamente aplicáveis aos textos e a história de mulheres que viviam antes do Renascimento italiano. Penso, na realidade, que uma história das mulheres não anacrônica, uma história combativa próxima à vida (como Lucien Febvre já havia proposto há muitos anos), não se pode fazer sem a crítica feminista contemporânea⁷ (GARRETAS, 1990, p.13-14).

Partindo da conceituação da crítica literária feminista, faz-se necessário realizar pesquisas que levem em consideração o gênero de autoria das obras – nesse caso o feminino – pondo em voga o que se tem estabelecido como verdade absoluta, a fim de dar visibilidade às existências femininas e rompendo com cânone da literatura que parte de uma colonialidade majoritariamente masculina. Como reforça Luciana Deplagne (2019) é necessário romper com o “discurso da Razão e da universalidade, impôs uma narrativa única sobre as relações entre homens e mulheres na Idade Média”.

Ainda segundo a autora, é “a partir do conceito “colonialidade do poder”, que foram derivadas categorias conceituais em articulação com outras dimensões relacionadas a assimetrias de poder: colonialidade do saber, do ser, da natureza, do gênero” (DEPLAGNE, 2019, p. 25), fomentando um dualismo hierárquico estabelecendo dominação econômica racial e de gênero. Com isso “o pensamento decolonial implica, pois, no questionamento do processo colonizador aparente nessas dimensões e a intervenção do/a pesquisador/a no sentido de desarticular ações coloniais na leitura que se faz da realidade” (DEPLAGNE, 2019, p. 25).

Apresentados os conceitos de decolonialidade e da crítica literária feminina, que pondera acerca da marginalização da mulher, construído ao longo das eras, vamos analisar a

⁷ Ibidem, p. 13-14: Pienso simplemente que el pensamiento feminista occidental ha construido y sistematizado en los últimos veinticinco años un conjunto de categorías y de modelos de análisis que son perfectamente aplicables a los textos y a la historia de mujeres que vivieron antes del Renacimiento italiano. Pienso, en realidad, que una historia de mujeres no anacrónica, una historia combativa cercana a la vida (como proponía hace ya muchos años Lucien Febvre), no se puede hacer prescindiendo de la crítica feminista contemporánea.

peça de *Sabedoria* de Rosvita de Gandersheim, a qual focaremos em apresentar o protagonismo das personagens femininas.

CAPÍTULO III - ANÁLISE DA PEÇA SABEDORIA DE ROSVITA

3.1. Contextualizando a peça

Ao pesquisar sobre a origem do teatro, a referência é a do teatro grego, o trágico e suas pompas. No período medieval encontra-se pouca ou quase nenhuma informação acerca do teatro, sobretudo pelo fato da igreja persegui-lo e condená-lo. Segundo a pesquisadora Margot Berthold (2004) diferente do propagado e consequentemente acreditados por muitos, “o teatro da Idade Média é tão colorido, variado e cheio de vida e contrastes quanto os séculos que o acompanha”. Embora marginalizado e recriminado pelo clero, que inclusive proibia sua prática, o teatro medieval “ignorou e atingiu seu esplendor sob os arcos abobados dessa mesma igreja” (BERTHOLD, 2004, p. 185).

Na análise que faremos, utilizaremos a tradução de Jean Luis Lauand (1986), que traduziu a peça *Sabedoria* para língua portuguesa e faz algumas considerações na introdução que a antecede

O teatro medieval - como também a Idade Média em geral - continua pouco conhecido. Conhece-se, sim, o teatro grego, o latino e o moderno; o medieval, não. Quem, por exemplo - apesar de sua extrema importância histórica - já ouviu falar da peça *Sabedoria* e de sua autora, a monja Rosvita de Gandersheim, do século X? (LAUAND, 1986).

A peça narra a história de Santa Sabedoria (Santa Sofia) e de suas três filhas denominadas Fé (Pístis, em grego, Esperança (Elpis) e Caridade (Ágape), as quais são denunciadas ao Imperador Adriano, por Antíoco. À acusação é de praticar a religião cristã. Possuindo idade de doze, dez e oito anos, as meninas são interrogadas e por não abandonar sua fé, são massacradas e torturadas, mas perseveram. Após serem mortas (decapitadas), Cristo atende as preces da Sabedoria, que ascende aos céus juntamente com suas filhas.

Sabedoria foi escrita dentro do mosteiro Beneditino, Rosvita através desta belíssima obra, lança luz sobre questões conhecidas por todos, mas pouco problematizadas. Indo de encontro com o sistema moral cristão, em que as mulheres eram postas em posição pecaminosa, hostilizadas e culpadas por diversos acontecimentos, inclusive a infertilidade masculina, Rosvita veementemente põe em voga a necessidade da educação formal feminina, o apreço pelo corpo e sua castidade, sendo esta inviolável.

A peça possui vinte e oito páginas, sendo dividida em oito cenas, contendo sete personagens: Antíoco, Adriano, Sabedoria, Fé (Pístis), Esperança (Elpís), Caridade (Ágape) e Matronas.

Retrata o martírio vivido pela Santa Sofia e suas três filhas: Fé, Esperança e Caridade que, são denunciadas por Antíoco, subalterno do imperador Adriano, as virgens são submetidas a uma série de provações, na intenção de fazê-las abjurar seu credo e adorar os deuses romanos. Persistindo na fé cristã, elas acabam decapitadas.

Escrita ao estilo e forma literária de Terêncio, *Sabedoria* possui um caráter educativo em todo seu enredo, Rosvita lança mão do conhecimento clássico adquirido nos mosteiros e aborda temas que vão desde ensino clerical à aritmética, nos ensinando valores estabelecidos preservados e praticados nos mosteiros e consequentemente adotados pelas mulheres que nele viviam.

Após essa breve apresentação da obra, passaremos à análise do protagonismo das personagens femininas encontrado na peça.

3.2. Protagonismo das personagens femininas

Embora se tenha a ideia que as mulheres não eram partícipes do cotidiano medieval, vale ressaltar que no período medieval com suas guerras, caças e disputas eram comuns a ausência masculina nos feudos, as mulheres assumiam – o que não é diferente hoje – a responsabilidade de educar os filhos, trocar produtos nas feiras e realizar outras atividades que necessitavam de certo domínio intelectual. O que demonstra que estas também desempenhavam um papel relevante na sociedade.

As monjas ocupavam um papel primordial na sociedade da Idade Média, vivendo dentro dos mosteiros, responsável pela educação secular e teológica, onde oravam, liam, se ocupando de tarefas intelectuais e religiosas. É nesse cenário que Rosvita encontra condições favoráveis para pesquisar e escrever seus poemas, peças teatrais, crônicas, transmitindo-os através destes, os ensinamentos religiosos.

Os escritos de Rosvita fornecem-nos dados educacionais importantes além de pôr em evidência personagens femininas, dotando-as sempre de sabedoria e perspicácia, nos apresentando uma personagem com “voz forte”, que não se deixa intimidar perante autoridade do Imperador

ANT.: Como te chamas, ó estrangeira?

SAB.: Sabedoria.

ANT.: O Imperador Adriano ordena que compareças ao palácio em sua presença.

SAB.: Não tenho receio de, na nobre companhia de minhas filhas, ir o palácio e não tremo ante a ameaça de defrontar-me, cara a cara, com o Imperador.

05 ANT.: A odiosa raça dos cristãos sempre está pronta a resistir às autoridades.

SAB.: Aquele que governa todas as coisas, Aquele que não conhece derrota, não permite que os seus sejam vencidos pelo inimigo.

ANT.: Modera teu palavreado e dirige-te ao palácio.

SAB.: Vai na frente, mostrando o caminho: nós te seguiremos a passo rápido [...] (ROSVITA, 1986, p. 8-9).

Existe uma tentativa clara de imposição do silenciamento feminino, mas Santa Sofia responde com convicção e demonstrando sua fé em Deus – fé essa que nutre sua coragem – sendo a única responsável pela capacidade de dispor e dar-lhe conhecimento e sabedoria.

Rosvita, em seus escritos destaca a beleza das mulheres, sua força, inteligência e feminilidade, podemos perceber isso na cena em que Santa Sofia e suas filhas são trazidas por Antíoco, perante o Imperador Adriano

ADR.: Estou estupefato diante da beleza de cada uma delas, e não sou capaz de deixar de admirar seu porte pleno de dignidade.

ANT.: Deixai de admirar, meu senhor, e obrigai-as a adorar os deuses.

ADR.: Que tal se antes nos dirigirmos a elas com palavras brandas? Talvez elas queiram ceder.

10 ANT.: É melhor. Pois a fragilidade do sexo feminino mais facilmente amolece com palavras suaves. [...] (ROSVITA, 1986, p. 9-10).

É interessante ressaltar que Adriano utiliza o termo *mulherzinha* para se referir Sabedoria e suas filhas, o que reflete uma tentativa de menospreza-las, diminuí-las, o que é comprovado na fala de Antíoco ao afirmar que a “fragilidade do sexo feminino facilmente se

amolece com palavras suaves” (ROSVITA, 1986, p. 10-11), mas Santa Sofia não se deixa levar pelas palavras de Adriano, inclusive orientando as filhas a não darem crédito a ele

[...] ADR.: Então, estás aqui Antíoco!

ANT.: Às vossas ordens, senhor!

05 ADR.: Acaso são estas, as mulherzinhas que denunciavas por causa da religião cristã?

ANT.: Exatamente, são elas!

[...]SAB.: (sussurrando) Não vos deixeis, minhas filhas, enganar pelas seduções ardilosas desse Satanás; antes, fazei como eu: rejeitai-as.

15 FÉ: Rejeitamos e, valorosamente, desprezamos essas coisas frívolas.

ADR.: Que é que tu estás cochichando?

SAB.: Falava um pouco a minhas filhas.

ADR.: Pareces ser de alta estirpe, mas quero saber com mais exatidão sobre tua pátria, tua família e teu nome.

SAB.: Embora a nobreza do sangue seja, entre nós, de pouca importância, no entanto, não nego ter uma origem ilustre.

20 ADR.: O que não me surpreende.

SAB.: Pois, de fato, foram meus pais os mais eminentes gregos e meu nome é Sabedoria.

ADR.: A nobreza refulge em teu rosto e a sabedoria do nome brilha na face.

SAB.: Em vão bajulas, não nos dobramos a tuas falas persuasivas. Persuasivas [...] (ROSVITA, 1986, p. 9-11)

Através da fala de suas personagens, Rosvita apresenta uma mulher determinada e forte, que não se corrompe com as palavras dos homens, o que reafirma os preceitos ensinados nos mosteiros, que pregava a prática de um comportamento, praticando virtudes e valores que visavam elevar-lhes moralmente, tendo uma vida pautada em Cristo como seu esposo celestial.

Uma outra característica presente em toda a peça, é a expertise das personagens, a personagem Sabedoria, como o próprio nome indica, é extremamente sábia e, além de ministrar a educação religiosa cristã, transmite conceitos importantes para a formação

intelectual, ao ser questionada acerca da idade das filhas, Sabedoria ministra uma aula de aritmética

ADR.: Quantos anos têm?

SAB.: (sussurrando) Agrada-vos, ó filhas que perturbe com um problema aritmético a este tolo?

30 FÉ: Claro, mamãe. porque nós também ouviremos de bom grado.

SAB.: Ó Imperador, se tu perguntas a idade das meninas: Caridade tem por idade um número deficiente que é parmente par; Esperança, também um número deficiente, mas parmente ímpar; e Fé, um número excedente mas imparmente par.

ADR.: Tal resposta me deixou na mesma: não sei que números são!

SAB.: Não admira, pois, tal como respondi, podem ser diversos números e não há uma única resposta.

ADR.: Explica de modo mais claro, senão não entendo.

35 SAB.: Caridade já completou 2 olimpíadas; Esperança; 2 lustros; Fé, 3 olimpíadas.

ADR.: E por que o número 8, que é 2 olimpíadas, e o 10, que é 2 lustros são números deficientes? E por que o 12, que perfaz 3 olimpíadas, se diz número excedente?

SAB.: Porque todo número, cuja soma de suas partes (isto é, seus divisores) dá menor do que esse número, chama-se deficiente, como é o caso de 8. Pois os divisores de 8 são: sua metade - 4, sua quarta parte - 2 e sua oitava parte - 1, que, somados, dão 7. Assim também o 10, cuja metade é 5, sua quinta parte é 2 e sua décima parte, 1. A soma das partes do 10 é portanto, 8, que é menor do que 10. Já, no caso contrário, o número diz-se excedente, como é o caso do 12. Pois sua metade é 6, sua terça parte, 4, sua quarta parte, 3, sua sexta parte, 2 e sua duodécima parte, 1. Somadas as partes, temos 16. Quando, porém, o número não é excedido nem inferado pela soma de suas diversas partes, então esse número é chamado número perfeito. É o caso do 6, cujas partes - 3, 2, e 1 - somadas, dão o próprio 6. Do mesmo modo, o 28, 496 e 8128 também são chamados números perfeitos.

ADR.: E quanto aos outros números?

SAB.: São todos excedentes ou deficientes.

40 ADR.: E o que é um número parmente par?

SAB.: É o que se pode dividir em duas partes iguais e essas partes em duas iguais, e assim por diante, até que não se possa mais dividir por 2, porque se atingiu o 1 indivisível. Por exemplo, 8 e 16 e todos que se obtenham a partir da multiplicação por 2, são parmente pares.

ADR.: E o que é parmente ímpar?

SAB.: É o que se pode dividir em partes iguais, mas essas partes já não admitem divisão (por 2). É o caso do 10 e de todos os que se obtêm, multiplicando um número ímpar por 2. Difere, pois, do tipo de número anterior, porque naquele caso, o termo menor da divisão é também divisível; neste, só o termo maior é apto para a divisão.

No caso anterior, tanto a denominação, como a quantidade, são parmente pares; já aqui, se a denominação for par, a quantidade será ímpar; se a quantidade for par, a denominação será ímpar.

ADR.: Não sei o que é isto de denominação e quantidade.

45 SAB.: Quando os números estão em "boa ordem", o primeiro se diz menor e o último, maior. Quando, porém, se trata da divisão, a denominação é quantas vezes o número se der. Já o que constitui cada parte é o que chamamos quantidade.

ADR.: E o que é ímparmente par?

SAB.: É o que - tal como o parmente par - pode ser dividido não só uma vez, mas duas e, por vezes, até mais. No entanto, atinge a indivisibilidade (por 2) sem chegar ao 1. [...] (ROSVITA, 1986, p. 11-13)

Sabedoria deixa o Imperador surpreso com tamanho conhecimento, e por sua vez, Rosvita, nos revela seu grande domínio das Artes Liberais e da formulação boeciana. De acordo com Lauand, os conceitos da matemática desenvolvidos por ela foram extraídos do

De Arithmetica de Boécio (PL 63, 1085-1089): número parmente par - são as nossas potências de 2.
parmente ímpar - o dobro de um número ímpar.
ímparmente par - produto de um ímpar por um parmente par.
denominação e quantidade - são os fatores de um produto.
número perfeito - é um número n , tal que a soma de seus divisores (a menos do próprio n) dá n . Se essa soma for maior do que n , o número diz-se excedente; se menor, deficiente. (LAUAND, 1968, p. 4-5)

Como é sabido que o ensino na Alta Idade Média, dava-se exclusivamente nos mosteiros, a autora utiliza esses escritos para ensinar a sociedade, além dos conceitos religiosos e morais, a matemática. Esta aula era muito importante para a época, pois era uma forma de desenvolver a capacidade reflexiva de suas alunas. Era imprescindível que as mulheres aprendessem à arte da aritmética, pois estas – em situação de o homem ausentar-se para guerra – “quem devia cuidar da propriedade, receber corvéias, administrar os feudos e, se religiosa, cuidar e administrar os mosteiros” (DUBY, 1980, p. 230). Rosvita procurava ensinar às mulheres de com riqueza de detalhes os cálculos, a diferença entre os números, mas também se preocupava em reforçar que o conhecimento provinha de uma força divina, sendo necessária sua glorificação e adoração

ADR.: Oh! que minuciosa e complicada questão surgiu a partir da idade destas menininhas!

SAB.: Nisto deve-se louvar a supereminente sabedoria do Criador e a Ciência admirável do Artífice do mundo: pois, não só no princípio criou o mundo do nada, dispondo tudo com número, peso e medida, como também nos deu a capacidade de poder dispor de admirável conhecimento das artes liberais, até mesmo sobre o suceder do tempo e das idades dos homens. [...] (ROSVITA, 1986, p. 13-14)

Diante do exposto, é notória a função educativa adotada por Rosvita e presente em sua obra, para além dos ensinamentos religiosos, apresentou discussões religiosas e do cotidiano, lançando luz sobre o protagonismo feminino presente nos monastérios e nos apresentando uma mulher partícipe, como elemento chave para organização e sistematização da sociedade medieval. Estabelecendo – pelos ensinamentos e ritos das mulheres do seu mosteiro – trilha para homens de sua época e porque não, para todos nós até os dias de hoje.

Rosvita representava em seus escritos, a necessidade das mulheres de sua época, suas dificuldades, a importância da educação para mulheres e os papéis desempenhados por estas perante a sociedade.

Por detrás de um discurso alegórico, típico da estética cristã-medieval, Rosvita procura personificar a sabedoria divina (Sofia) e as três virtudes teologais (Fé, Esperança e Caridade), é por essas e outras que *Sabedoria* pode ser interpretada como uma peça que em certo sentido não é apenas um texto de autoria feminina, mas a obra medieval, que pode ser considerada um tanto subversivo por ter como principal bandeira: a defesa da supremacia intelectual feminina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, pautados na proposta Decolonial e na Crítica Feminista, tendo como objeto de estudo a peça *Sabedoria* de Rosvita de Gandersheim, procuramos evidenciar o protagonismo feminino, indo de encontro com ideia descabida que as mulheres da Idade Média não eram participantes da sociedade. O valor pedagógico assumido nos seus escritos, retoma o teatro no Ocidente e transmite seu conhecimento adquirido através dos mosteiros e evidencia sua “preocupação” na educação dessas mulheres.

É importante salientar que a escrita de autoria feminina nunca deixou de existir, o que se tem é um apagamento dos escritos de autoria feminina, como forma de silenciar as mulheres da história, retomando o que o pensamento da Maria Milagros Garretas (1990), exposto no capítulo II deste trabalho

Nos espaços femininos subordinados e/ou marginais, as palavras das mulheres soam fracas, e sobretudo, inconexas, porque seria importante no processo de consolidação e perpetuação do patriarcado, que elas não chegassem nunca a marcar sistematicamente com sua voz nem a definir com seu pensamento, territórios materiais e simbólicos próprios⁸ GARRETAS, 1990, p.19).

Em virtude disso, se faz necessária o fomento à pesquisa e os estudos acerca dos escritos de autoria feminina, para que possamos devolver suas vozes, ora tirada pela sociedade patriarcal, a qual as oprimiu e subjugo-as, tendo por dívida histórica a “decolonização” dessas mulheres e suas obras, pondo-as em patamar de igualdade com todos os outros escritos aclamados pela crítica literária.

Assim seja.

⁸ Tradução nossa. Ibidem, p. 19: En los espacios femeninos subordinados y / o marginales, las palabras de las mujeres suenan débiles y sobre todo inconexas, porque sería importante en el proceso de consolidación y perpetuación del patriarcado, que nunca llegarían a marcar sistemáticamente con su voz o definir con su pensamientos, territorios materiales y simbólicos propios

REFERÊNCIAS

- BERTHOLD, Margot. **História mundial do teatro**. Trad. de Maria Paula V. Zurawiski, Jacó Guinsburg, Sérgio Coelho e Clovis Garcia. São Paulo: Perspectiva, 2004. Disponível em: <https://www.academia.edu/24529241/Hist%C3%B3ria_Mundial_do_Teatro> Acesso em: 18 de out. de 2020.
- BOVOLIM, Zenaide Zago Campos Polido. **A proposta educacional de Rosvita de Gandersheim no século X**. Maringá: 2005, 127 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2005. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/dissertacoes/2005-Zenaide_Zago.pdf> Acesso em: 16 de nov. de 2020.
- DEPLAGNE, Luciana Calado. **A contribuição dos escritos de mulheres medievais para um pensamento decolonial sobre a idade média**. Revista Signum, vol. 20, n. 2. p. 24-56, 2019. Disponível em: <<http://www.abrem.org.br/revistas/index.php/signum/article/view/503>> Acesso em 18 nov. de 2020.
- DEPLAGNE, Luciana Calado. **Vozes femininas da Idade Média: Auto-representação, corpo e relações de gênero**. In: Anais Fazendo Gênero 8: Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, 25 a 28 de agosto de 2008. Disponível em: <http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST70/Luciana_Calado_Deplagne_70.pdf>. Acesso em: 15 de nov. de 2020.
- DIAS, Luciana da Costa. *O teatro e a mulher na obra de Rosvita de Gandersheim*. In: BROCHADO, Claudia C.; DEPLAGNE, Luciana (Orgs.). **Vozes de mulheres da idade média**. João Pessoa: Editora UFPB, 2018. p. 45-47.
- DUBY, G. *Guerreiros e Camponeses. Os primórdios do crescimento europeu do século VII ao século XII*. Lisboa: Editorial Estampa, 1980.
- LE GOFF, Jacques. *Sexualidade*. In: LE GOFF, Jacques et SCHMITT, Jean-Claude (Orgs.). **Dicionário temático do ocidente medieval**. Vol. 2. Trad. Hilário Franco Júnior. São Paulo: Edusc, 2006. p. 478-479.
- LAUAND, Jean Luis. *Rosvita e o reestabelecimento do teatro no ocidente*. 1986. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/41732416/SABEDORIA-Rosvita-de-Gandersheim>> Acesso em 18 de out. de 2020.
- LIVINGSTONE, Amy. Pour une révision du « mâle » Moyen Âge de Georges Duby (États-Unis), *Clio*, numéro 8/1998, *Georges Duby et l'histoire des femmes*, [En ligne], mis en ligne le 3 juin 2005. Disponível em: <<http://clio.revues.org/document318.html>> Acesso em: 17 de out. de 2020.
- NOGUEIRA, Maria Simone Marinho. *Escritoras medievais: transgressões silenciadas*. In: BROCHADO, Claudia C.; DEPLAGNE, Luciana (Orgs.). **Vozes de mulheres da idade média**. João Pessoa: Editora UFPB, 2018. p. 138-149.

ORTUÑO, Manuel Arregui. Roswitha von Gandersheim: la escritora de la virtud. ArtyHum - Revista de Artes y Humanidades. Vigo, v. 21, p. 52-61, 2016.

Disponível em:

<https://www.academia.edu/30507532/Roswitha_von_Gandersheim_La_escritora_de_la_virtud> Acesso em: 20 de nov. de 2020.

PINHEIRO, Mirtes Emília. **Desvendando Eva: o feminino em Hildegarde de Bingen**. 2017, 257 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

PIZAN, Christine. **A cidade das damas**. Trad. Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne. Florianópolis: Editora Mulheres, 2012.

RIVERA GARRETAS, Maria Milagros. **Textos y espacios de Mujeres**. Europa, Siglos IV-XV. Barcelona: Icaria, 1990.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

ROSVITA, G. Sabedoria. In: LAUAND, L.J.(Org.). *Educação, Teatro e Matemática Medievais*. São Paulo: Perspectiva/ Editora da Universidade de São Paulo, 1986.

RUGGIERO, Trótula de. *De passionibus Mulierum*. In: SIMONI, Karine; DEPLAGNE, Luciana (Orgs.). **Sobre as doenças das mulheres**. Trad. Alder Ferreira Calado e Karine Simoni. 1ª ed. Florianópolis: Copiart, 2018.

WUENSCH, Ana Miriam. *A cidade-mundo de Christine de Pizan*. In: BROCHADO, Claudia C.; DEPLAGNE, Luciana (Orgs.). **Vozes de mulheres da idade média**. João Pessoa: Editora UFPB, 2018. p. 112-121.

ANEXO

SABEDORIA Rosvita de Gandersheim

Rosvita e o Restabelecimento do Teatro no Ocidente

(trad. e introdução L.J. Lauand)

<http://www.hottopos.com/spcol/rosvita.htm>

Enredo da peça: Paixão das santas virgens Fé, Esperança e Caridade. Foram levadas à morte pelos diversos suplícios, a que as submeteu o Imperador Adriano em presença da sua santa mãe, Sabedoria, que, com seus maternos conselhos, as exortou a suportar os sofrimentos. Consumado o martírio, sua santa mãe, Sabedoria, tomou de seus corpos e, unguindo-os com bálsamo, deu-lhes sepultura de honra a três milhas de Roma. Ela, por sua vez, no quarto dia, após a oração sacra, enviou também seu espírito ao céu [17].

PERSONAGENS: Antíoco, Adriano, Sabedoria, Fé, Esperança, Caridade e Matronas.

CENA I

ANT.: Desejando vivamente que tenhais, ó Imperador Adriano, grande poder, florescendo em próspero sucesso e que possais imperar sem perturbações e triunfante, anseio por que seja erradicado e, o quanto antes, completamente despedaçado, tudo quanto julgo que possa abalar o Estado ou ferir a tranqüilidade do espírito.

ADR.: E com razão o fazes, pois nossa prosperidade é também a tua felicidade, já que continuamente temos te honrado com os mais altos graus de dignidade.

ANT.: Regozijo-me com vossa benignidade. E se sei que se levanta algo que possa se opor a vosso poder, não o oculto, mas, sem demora, o declaro.

ADR.: E com razão o fazes. Não se dê o caso de seres acusado de crime de lesa-majestade, por ocultar o que não deve ser ocultado.

05 ANT.: Nunca fui culpado desse tipo de falta.

ADR.: Bem sei! Mas, apresenta o que tens de novo.

ANT.: Trata-se de certa mulher estrangeira que chegou recentemente a esta cidade, acompanhada de suas três criancinhas.

ADR.: De que sexo são as crianças?

ANT.: Todas são do sexo feminino.

10 ADR.: E acaso a chegada de umas pequeninas mulherzinhas pode causar algum detrimento ao Estado?

ANT.: E dos grandes, majestade.

ADR.: Qual?

ANT.: O fim da ordem.

ADR.: Como assim?

15 ANT.: O que é que pode perturbar mais a concórdia do povo que a divergência de culto?

ADR.: Nada pior, nada mais grave - como o atesta o orbe Romano - que, quase em toda parte, é infestado pela imundície da peste cristã.

ANT.: Pois esta mulher de que falo, anda exortando a abandonar os ritos de nossos maiores e induz à prática da religião cristã.

ADR.: Não bastará admoestá-la?

ANT.: E veementemente. Pois nossas esposas, desdenhando-nos, nos desprezam a tal ponto, que não se dignam a comer conosco e, menos ainda, a dormir conosco.

20 ADR.: De fato, é caso perigoso!

ANT.: Convém que vos previnais.

ADR.: De acordo. Que ela seja chamada à nossa presença e verificaremos se ela não quer ceder e voltar atrás em suas posições.

ANT.: Devo chamá-la?

ADR.: Claro que sim!

CENA II

ANT.: Como te chamas, ó estrangeira?

SAB.: Sabedoria.

ANT.: O Imperador Adriano ordena que compareças ao palácio em sua presença.

SAB.: Não tenho receio de, na nobre companhia de minhas filhas, ir o palácio e não treme ante a ameaça de defrontar-me, cara a cara, com o Imperador.

05 ANT.: A odiosa raça dos cristãos sempre está pronta a resistir às autoridades.

SAB.: Aquele que governa todas as coisas, Aquele que não conhece derrota, não permite que os seus sejam vencidos pelo inimigo.

ANT.: Modera teu palavreado e dirige-te ao palácio.

SAB.: Vai na frente, mostrando o caminho: nós te seguiremos a passo rápido.

CENA III

ANT.: Este que vês no trono, é o Imperador. Pensa bem no que vais falar.

SAB.: Isto nos é proibido pela palavra do Senhor que nos prometeu os insuperáveis dons da Sabedoria.

ADR.: Então, estás aqui Antíoco!

ANT.: Às vossas ordens, senhor!

05 ADR.: Acaso são estas, as mulherzinhas que denunciavas por causa da religião cristã?

ANT.: Exatamente, são elas!

ADR.: Estou estupefato diante da beleza de cada uma delas, e não sou capaz de deixar de admirar seu porte pleno de dignidade.

ANT.: Deixai de admirar, meu senhor, e obrigai-as a adorar os deuses.

ADR.: Que tal se antes nos dirigirmos a elas com palavras brandas? Talvez elas queiram ceder.

10 ANT.: É melhor. Pois a fragilidade do sexo feminino mais facilmente amolece com palavras suaves.

ADR.: Ilustre matrona, com bons modos convido-te a dar culto aos deuses, para que possas gozar de nosso favor.

SAB.: Não pretendo de modo algum prestar culto a teus deuses, nem morro de vontade de ganhar o teu favor.

ADR.: Até aqui, refreei minha ira, e não me movi de indignação contra ti. Antes, pelo teu bem e o de tuas filhas, adoto uma conduta de amor paterno.

SAB.: (sussurrando) Não vos deixeis, minhas filhas, enganar pelas seduções ardilosas desse Satanás; antes, fazei como eu: rejeitai-as.

15 FÉ: Rejeitamos e, valorosamente, desprezamos essas coisas frívolas.

ADR.: Que é que tu estás cochichando?

SAB.: Falava um pouco a minhas filhas.

ADR.: Pareces ser de alta estirpe, mas quero saber com mais exatidão sobre tua pátria, tua família e teu nome.

SAB.: Embora a nobreza do sangue seja, entre nós, de pouca importância, no entanto, não nego ter uma origem ilustre.

20 ADR.: O que não me surpreende.

SAB.: Pois, de fato, foram meus pais os mais eminentes gregos e meu nome é Sabedoria.

ADR.: A nobreza refulge em teu rosto e a sabedoria do nome brilha na face.

SAB.: Em vão bajulas, não nos dobramos a tuas falas persuasivas.

ADR.: Dize, que vieste fazer entre nós?

25 SAB.: Nenhuma outra coisa a não ser conhecer a doutrina da verdade, para o aprendizado mais pleno da fé que combateis e para consagrar minhas filhas a Cristo.

ADR.: Dize os nomes delas.

SAB.: A primeira se chama Fé; a segunda, Esperança; a terceira, Caridade.

ADR.: Quantos anos têm?

SAB.: (sussurrando) Agradar-vos, ó filhas que perturbe com um problema aritmético a este tolo?

30 FÉ: Claro, mamãe. porque nós também ouviremos de bom grado.

SAB.: Ó Imperador, se tu perguntas a idade das meninas: Caridade tem por idade um número deficiente que é parmente par; Esperança, também um número deficiente, mas parmente ímpar; e Fé, um número excedente mas imparmente par.

ADR.: Tal resposta me deixou na mesma: não sei que números são!

SAB.: Não admira, pois, tal como respondi, podem ser diversos números e não há uma única resposta.

ADR.: Explica de modo mais claro, senão não entendo.

35 SAB.: Caridade já completou 2 olimpíadas; Esperança; 2 lustros; Fé, 3 olimpíadas.

ADR.: E por que o número 8, que é 2 olimpíadas, e o 10, que é 2 lustros são números deficientes? E por que o 12, que perfaz 3 olimpíadas, se diz número excedente?

SAB.: Porque todo número, cuja soma de suas partes (isto é, seus divisores) dá menor do que esse número, chama-se deficiente, como é o caso de 8. Pois os divisores de 8 são: sua metade - 4, sua quarta parte - 2 e sua oitava parte - 1, que, somados, dão 7. Assim também o 10, cuja metade é 5, sua quinta parte é 2 e sua décima parte, 1. A soma das partes do 10 é portanto, 8, que é menor do que 10. Já, no caso contrário, o número diz-se excedente, como é o caso do 12. Pois sua metade é 6, sua terça parte, 4, sua quarta parte, 3, sua sexta parte, 2 e sua duodécima parte, 1. Somadas as partes, temos 16. Quando, porém, o número não é excedido nem inferado pela soma de suas diversas partes, então esse número é chamado número perfeito. É o caso do 6, cujas partes - 3, 2, e 1 - somadas, dão o próprio 6. Do mesmo modo, o 28, 496 e 8128 também são chamados números perfeitos.

ADR.: E quanto aos outros números?

SAB.: São todos excedentes ou deficientes.

40 ADR.: E o que é um número parmente par?

SAB.: É o que se pode dividir em duas partes iguais e essas partes em duas iguais, e assim por diante, até que não se possa mais dividir por 2, porque se atingiu o 1 indivisível. Por exemplo, 8 e 16 e todos que se obtenham a partir da multiplicação por 2, são parmente pares.

ADR.: E o que é parmente ímpar?

SAB.: É o que se pode dividir em partes iguais, mas essas partes já não admitem divisão (por 2). É o caso do 10 e de todos os que se obtêm, multiplicando um número ímpar por 2. Difere, pois, do tipo de número anterior, porque naquele caso, o termo menor da divisão é também divisível; neste, só o termo maior é apto para a divisão.

No caso anterior, tanto a denominação, como a quantidade, são parmente pares; já aqui, se a denominação for par, a quantidade será ímpar; se a quantidade for par, a denominação será ímpar.

ADR.: Não sei o que é isto de denominação e quantidade.

45 SAB.: Quando os números estão em "boa ordem", o primeiro se diz menor e o último, maior. Quando, porém, se trata da divisão, a denominação é quantas vezes o número se der. Já o que constitui cada parte é o que chamamos quantidade.

ADR.: E o que é imparmente par?

SAB.: É o que - tal como o parmente par - pode ser dividido não só uma vez, mas duas e, por vezes, até mais. No entanto, atinge a indivisibilidade (por 2) sem chegar ao 1.

ADR.: Oh! que minuciosa e complicada questão surgiu a partir da idade destas menininhas!

SAB.: Nisto deve-se louvar a supereminente sabedoria do Criador e a Ciência admirável do Artífice do mundo: pois, não só no princípio criou o mundo do nada, dispondo tudo com número, peso e medida, como também nos deu a capacidade de poder dispor de admirável conhecimento das artes liberais, até mesmo sobre o suceder do tempo e das idades dos homens.

50 ADR.: Muito agüentei a tua "calculeira" para fazer com que me obedeças.

SAB.: Em que?

ADR.: No culto aos deuses.

SAB.: Nisto, certamente não consinto.

ADR.: Se teimares, sofrerás torturas.

55 SAB.: O corpo sim, podes fustigar com suplícios; mas a alma, não conseguirás forçar a ceder.

ANT.: O dia já se finda e vem a noite; não é tempo de querelas pois já é hora de cear.

ADR.: Ponham-nas sob guarda ao lado do palácio e sejam-lhes dados três dias de trégua para pensar no assunto.

ANT.: Vigiai-as, ó soldados, com toda solicitude: não lhes deis nenhuma ocasião de escapar.

CENA IV

SAB.: Ó doces crianças, filhinhas queridas, não vos entristeçais com as angústias do cárcere, nem vos aterrorizeis com a iminência de sofrimentos ameaçadores.

FÉ: Ainda que nossos pequenos corpos tremam de medo, a alma anseia pelo prêmio.

SAB.: Vencei com a fortaleza do senso de maturidade, o que os vossos tenros anos não vos dão.

ESP.: É teu papel ajudar-nos com tuas preces, para que possamos triunfar.

05 SAB.: Isto é o que continuamente rogo a Deus: que persevereis na fé que, já desde o tempo em que brincáveis com chocalhos, vos tenho instilado na inteligência.

CAR.: Não esqueceremos o que aprendemos desde o tempo em que mamávamos nos nossos bercinhos.

SAB.: Para isto, dei-vos o leite materno, com tanto carinho vos nutri: para vos dar ao Esposo celestial, não terreno; para que, por vós, seja eu digna de ser sogra do eterno Rei.

FÉ: Por Seu amor, estamos prontas a enfrentar a morte.

SAB.: Quanto me delicia, mais que o doce sabor do néctar, ouvir-vos.

10 ESP.: Leva-nos diante do juiz e verás quanto o amor dEle nos dá coragem.

SAB.: Isto eu desejo: que pela vossa virgindade seja eu coroada; pelo vosso martírio, seja eu glorificada.

CAR.: Unindo nossas palmas, vamos desconcertar o tirano.

SAB.: Esperai até que se cumpra nossa hora.

FÉ: Aborrece-nos a demora: mas se temos de esperar, esperemos.

CENA V

ADR.: Antíoco, traz aquelas greguinhas prisioneiras.

ANT.: Anda, Sabedoria, apresenta-te com tuas filhas ao Imperador.

SAB.: Vinde comigo, filhas, sede fortes e perseverai unânimes na fé, para que possais, com êxito, receber a palma.

ESP.: Vamos, Aquele, por cujo amor somos conduzidas à morte, vai conosco.

05 ADR.: Três dias de trégua, por minha benevolência, vos foram concedidos. Se pensastes, pois, com senso, submetei-vos a nossas ordens.

SAB.: Estivemos considerando sobre o que nos é de suma importância: não vamos ceder.

ANT.: Como Vossa Majestade se digna conversar com essa mulher contumaz, que vos aborrece?

ADR.: Devo deixá-la impune?

ANT.: De modo algum.

10 ADR.: E então?

ANT.: Exortai as menininhas e, se teimarem, não as poupeis por serem crianças, mas leve-as à morte. E assim, matando as filhas, mais amargamente torturareis a mãe rebelde.

ADR.: Farei o que aconselhas.

ANT.: Assim estará por certo a salvo a autoridade.

ADR.: Fé, olha para aquela venerável imagem de Diana e oferece libações à deusa, para que possas valer-te da graça que ela dispensa.

15 FÉ: Ó tola ordem do Imperador, é digna de todo o desprezo!

ADR.: Que é isto que murmuras zombando? De quem troças com essas caretas, menina?

FÉ: Zombo de tua estupidez. Faço troça da tua burrice.

ADR.: Zombas de mim?!?!

FÉ: É! De ti!

20 ADR.: De mim, o Imperador?

FÉ: O próprio.

ANT.: Ó sacrilégio!!

FÉ: Que, então, seria mais tolo; que mais insensato pode haver do que nos exortar a desprezar o Criador do Universo e a adorar metal?

ANT.: Olha que é suma loucura dizer que o que o Imperador falou é estúpido e tolo.

25 FÉ: Disse e digo e direi, enquanto viver.

ANT.: Olha que vais viver pouco tempo, hein?! Logo receberás a morte.

FÉ: Morrer em Cristo é a minha determinação.

ADR.: Que doze centuriões se revezem, rasgando-lhe as carnes com chicote.

ANT.: Assim é justo!

30 ADR.: Ó valentes centuriões, vinde fazer justiça a essa injúria.

ANT.: É justo!

ADR.: Interroga-a, Antíoco, vê se ela quer ceder.

ANT.: Queres ainda, Fé, como é próprio de petulantes, ultrajar a proposta do Imperador?

FÉ: E por que não?

35 ANT.: Para evitar os açoites.

FÉ: Os açoites não me obrigam a calar porque não me impressiona a dor.

ANT.: Ó desgraçada teimosia, ó audácia contumaz!

ADR.: O corpo fende-se com suplícios e a alma dela incha-se de arrogância.

FÉ: Erras, Adriano, se julgas dobrar-me com suplícios. Não serei eu, mas os pobres torturadores que desfalecerão e jorrará o seu suor de tanto cansaço.

40 ADR.: Antíoco, que se lhe sejam cortados os bicos dos seios; que, ao menos, seja ela coibida pelo rubor.

ANT.: Talvez assim consigamos coagi-la a ceder.

ADR.: É, talvez assim a forcemos a ceder.

FÉ: Feriste meu inviolado peito, mas não me atingiste: eis que em vez de fonte de sangue, brota o leite.

ADR.: Que seja posta na grelha, sobre o fogo. Que morra pela força das chamas!

45 FÉ: Tudo o que preparas para atormentar, torna-se, para mim, sereno repouso; por isso, tranqüilamente, vou para a caldeira como se fosse uma plácida barquinha.

ADR.: Que se ponha sobre o fogo, um tacho cheio de pixe e cera ardentes e nesse líquido fervente lançai a rebelde!

FÉ: Pode deixar que eu pulo sozinha.

ADR.: Muito bem, de acordo.

50 FÉ: Onde estão tuas ameaças? Eis que, ilesa, brinco, nadando no meio deste líquido fervente e, em lugar de calor escaldante, sinto como que um refrescante orvalho da manhã.

ADR.: Antíoco, o que faremos com ela?

ANT.: Não podeis tolerar que escape assim sem mais.

ADR.: Seja-lhe cortada a cabeça.

ANT.: É o único jeito.

55 FÉ: Agora sim, alegro-me; agora, em Deus, exulto!

SAB.: Cristo, que triunfaste sobre o demônio, dá forças à minha filha Fé.

FÉ: Ó mãe venerável! Saúda pela última vez tua filha, oferece teu beijo à tua primogênita. Que não haja sombra de tristeza em teu coração, pois vou para o prêmio da eternidade.

SAB.: Ó filha, filha, não me desfaço, nem me entristeço, mas, exultante, digo-te adeus e beijo-te a boca e os olhos e, de júbilo, oro chorando. Que no golpe com que te ferirão, guardes intacto o mistério de teu nome.

FÉ: Ó irmãs, ofereci-me o ósculo da paz e preparai-vos para suportar, também vós, estas batalhas.

60 ESP.: Ajuda-nos com tuas preces, para que sejamos dignas de seguir teus passos.

FÉ: Guardai os conselhos de nossa santa mãe, quando nos exortava a desprezar as coisas presentes para merecer as eternas.

CAR.: De bom grado, seguiremos os conselhos de mamãe para gozarmos da felicidade eterna.

FÉ: Carrasco, vem e cumpre teu ofício, matando-me.

SAB.: Abraçada à cabeça de minha filha morta e, repetidas vezes beijando-lhe os lábios, agradeço-te, Cristo, por concederes o triunfo a uma criança tão pequena.

65 ADR.: Esperança, cede às exortações que, com afeto de pai te proponho.

ESP.: O que é que me aconselhas, o que é que me propões?

ADR.: Que evites a teimosia de imitar a tua irmã, não vás querer as mesmas penas que ela sofreu.

ESP.: Oxalá fosse eu digna de imitá-la sofrendo, para assim imitá-la também no prêmio.

ADR.: Renuncia à cabeça dura e curva-te, incensando a grande Diana e eu te tomarei como minha própria filha, educando-te com todo o amor.

70 ESP.: Que eu ceda?! Falsa esperança! Não tenho o menor interesse nos benefícios que me possas dar e, menos ainda, em ter-te por pai.

ADR.: Fala menos! Olha que eu me irrita!

ESP.: Podes irritar-te, não me incomoda.

ANT.: Eu me admiro, ó Augusto, como podeis suportar que esta vil menininha, durante tanto tempo, vos insulte. Eu, de minha parte, arrebento-me de furor ao vê-la latir contra Vossa Majestade assim, tão temerariamente.

ADR.: Até aqui, poupava-a por ser criança; mas, agora, não a pouparei; dar-lhe-ei o castigo merecido.

75 ANT.: Assim é que se fala, Majestade!

ADR.: Vinde, ó litores, e surrai esta rebelde com duros chicotes até à morte.

ANT.: É bom que sinta a severidade de vosso furor, porque despreza a brandura de vossa piedade, senhor!

ESP.: Quero esta brandura; é esta piedade que espero.

ADR.: Ó Sabedoria! Que é que estás aí sussurrando de olhos elevados ao céu, junto ao cadáver de tua filha morta?

80 SAB.: Peço ao Criador que não deixe de dar a Esperança as mesmas forças que deu a Fé.

ESP.: Ó mamãe, mamãe, quão eficazes, quão ouvidas sinto que foram tuas preces. Eis que, orando tu, os demônios torturadores me desferem golpes, mas eu já não sinto as dores.

ADR.: Se fazes pouco dos flagelos, serás submetida a penas mais duras.

ESP.: Dá-me tudo que de cruel maquinas, pois quanto mais crueldade, tanto mais ficarás desconcertado em tua derrota.

ADR.: Que seja dilacerada com ganchos e suspendei-a no ar até que lhe jorrem as vísceras e, com os ossos expostos, desfaleça e seus membros se rachem.

85 ANT.: Assim deve ser feito: é a ordem do Imperador e deve ser plenamente cumprida.

ESP.: Falas com a manha de uma raposa e adulas, ó Antíoco, com dissimulada astúcia.

ANT.: Cala a boca, desgraçada! Teu falatório vai acabar já, já.

ESP.: Não ocorrerá como esperas, mas haverá desconcerto para ti e para teu Imperador.

ADR.: Que é este doce aroma? Que magnífica suavidade é esta que sinto?

90 ESP.: Os golpes que embalde caíram no meu dilacerado corpo, produzem este aroma de fragrância paradisíaca, com o que, embora sem querer, és obrigado a confessar que não posso ser atingida pelos tormentos.

ADR.: Antíoco, que devo fazer?

ANT.: Aplicai-lhe mais torturas, Majestade.

ADR.: Lançai-a, amarrada, num vaso de cobre cheio de óleo, gordura, cera e breu e ponde-o sobre o fogo.

ANT.: Entregue ao direito de Vulcano, não achará jeito de escapar.

95 ESP.: Este poder em Cristo não é incomum: que o fogo transforme sua natureza e se torne suave.

ADR.: Que é isto, Antíoco? Ouço um som como de inundação.

ANT.: Ai, ai, ai, senhor!

ADR.: Que é que aconteceu?

ANT.: O calor da ebulição quebrou o vaso e queimou os nossos servidores, enquanto aquela maléfica menina ficou ilesa.

100 ADR.: Reconheço que estamos vencidos.

ANT.: Completamente.

ADR.: Seja-lhe cortada a cabeça.

ANT.: Não há outro modo de destruí-la.

ESP.: Ó, querida Caridade, minha incomparável irmã! Não temas as ameaças do tirano, nem tremas diante dos sofrimentos. Empenha-te, forte na fé, por chegar ao palácio celestial, a exemplo de tuas irmãs.

105 CAR.: Aborrece-me esta vida presente; aborrece-me a habitação terrena; pelo menos, é por pouco tempo que estarei separada de vós.

ESP.: Não olhes para o aborrecimento, mas para o prêmio. Dentro em pouco, estaremos juntas no Céu.

CAR.: Assim seja! Assim seja!

ESP.: Muito bem, mamãe! Alegra-te: não te deixes afligir de dor maternal pela minha paixão, mas antepõe a esperança à dor, ao ver que é por Cristo que morro.

SAB.: Agora, certamente, já me alegro. Mas, quando tiver enviado ao céu tua irmãzinha, morta de igual maneira, e seguir, eu também, por último, aí, então, exultarei de alegria transbordante.

110 ESP.: A Santíssima Trindade te dará a eternidade em companhia de todas as tuas filhas.

SAB.: Sê forte, filha: o agressor vem a nós com a espada desembainhada.

ESP.: De bom grado, recebo a espada. Tu, Cristo, recebe esta alma que, por confessar o teu nome, é arrancada à sua habitação corporal.

SAB.: Ó Caridade, excelsa esperança de meu ventre, ilustre filha minha, não defraudes a esperança de tua mãe de que combatas bem. Desdenha as ofertas do Imperador e assim, atingirás a alegria sem fim: a refulgente coroa da virgindade sem mancha que tuas irmãs conquistaram.

CAR.: Sustenta-me, mamãe, com tuas orações, até que eu mereça juntar-me à glória delas.

115 SAB.: Rezo muito para que sejas consolidada na fé até o fim; estou certa de que, também a ti, será outorgada a eterna alegria.

ADR.: Caridade, já estou farto dos insultos que me lançaram tuas irmãs e extremamente exasperado pelo falatório delas. Por isso, contigo não vou discutir: ou obedeces a meus desejos e serás cumulada de bens, ou resistes e sofrerás os males.

CAR.: Eu, de coração, amo o bem e detesto o mal com todas as minhas forças.

ADR.: A minha benevolente piedade leva-me a propor-te algo muito simples, uma coisinha de nada; para mim, tolerável e, para ti, essencial para que te salves.

CAR.: Que é?

120 ADR.: Basta que digas: "Grande é Diana!", nem te obrigarei a sacrifícios.

CAR.: Ah não! Não digo.

ADR.: E por quê?

CAR.: Porque não quero mentir. Eu e minhas irmãs temos os mesmos pais, os mesmos sacramentos, a mesma força na fé. Por isso, decididamente, única é nossa vontade, nosso sentir, nosso saber, nosso ser. E eu, em nada me afasto delas.

ADR.: Ó injúria! Que eu seja desprezado por uma pirralhinha tão pequenininha!

125 CAR.: Ainda que de tenra idade, vê-se, no entanto, que te desconcertei com meus argumentos.

ADR.: Toma-a, ó Antíoco, e faz com que, pendurada no cavalete, seja atrozmente chicoteada.

ANT.: Temo que não adiantará...

ADR.: Se não adiantar, manda que, continuamente, por três dias e três noites, se aqueça o forno e lança-a entre as chamas furiosas.

CAR.: Ó juiz impotente, que temes enfrentar uma criança de oito anos sem a arma do fogo.

130 ADR.: Vai, Antíoco, e faz como foi mandado.

CAR.: Tuas torturas certamente estão bem preparadas, mas não me causarão mal, pois nem os chicotes podem rasgar meu corpo, nem as chamas queimar meus membros ou vestes.

ADR.: É o que veremos.

CAR.: Veremos!

CENA VI

ADR.: Antíoco, o que te aflige? Por que razão voltas mais triste que de costume?

ANT.: Quando souber Vossa Majestade a causa da tristeza, não vos afligireis menos.

ADR.: Fala, não escondas.

ANT.: Aquela zombeteira daquela menina que me entregastes para que fosse atormentada, foi chicoteada na minha presença, mas sua fina pele nem sequer de leve se

cortou. Depois, lancei-a na fornalha, que estava já da cor do fogo, por causa do extremo calor.

05 ADR.: Por que não contas logo como tudo acabou?

ANT.: A chama transbordou violentamente e queimou cinco mil homens.

ADR.: E o que aconteceu a ela?

ANT.: À Caridade?

ADR.: É, a ela.

10 ANT.: Andava brincando entre os vapores que vomitavam chamas e cantava louvores a seu Deus. E mais: quem olhasse atentamente, veria três jovens radiosos de claridade que a acompanhavam [18] .

ADR.: Tenho vergonha de encará-la, pois não consigo feri-la.

ANT.: Só nos resta matá-la à espada.

ADR.: Que se faça isto sem demora.

CENA VII

ANT.: Descobre tua cabecinha dura, ó Caridade, para receber o golpe da espada.

CAR.: A esta tua ordem, sim, de bom grado, obedeço.

SAB.: Agora, agora, filha, dá graças; agora rejubila em Cristo. Já não me inquieto, porque tua vitória é certa.

CAR.: Dá-me um beijo forte, mamãe, e encomenda meu espírito que vai para Cristo.

05 SAB.: Que Aquele que no meu ventre te deu vida, receba a alma que do Céu foi insuflada.

CAR.: Glória a Ti, ó Cristo, que me chamas a Ti com a palma do martírio.

SAB.: Adeus, ó dulcíssima filhinha, e quando estiveres com Cristo no Céu, lembra-te da mamãe, já exaurida por te gerar para a Vida.

CENA VIII

SAB.: Vinde, ilustres senhoras, e, aos corpos de minhas filhas, demos sepultura.

MATR.: Embalsamamos seus pequenos corpos com aromas e celebramos funerais solenes.

SAB.: Sois de grande bondade e de admirável piedade comigo e com meus mortos.

MATR.: Em que pudermos ajudar-te, fá-lo-emos devotamente.

05 SAB.: Bem o sei.

MATR.: Onde queres sepultá-las?

SAB.: A três milhas de Roma, se não vos desagrada lugar tão longínquo.

MATR.: Não nos desagrada, pelo contrário, agrada-nos seguir tão nobre funeral.

CENA IX

SAB.: Eis o lugar!

MATR.: Certamente é lugar apto para guardar os restos mortais.

SAB.: A teus cuidados, ó terra, confio as florzinhas de meu ventre, para que as acaricies em teu seio até que refloresçam na glória maior da ressurreição. E tu, Cristo, até então, dá-lhes, com a plenitude de esplendor às almas, sereno repouso aos ossos.

MATR.: Amém.

05 SAB.: Agradeço à vossa piedade pelo conforto que trouxestes à dor da separação de minhas filhas.

MATR.: Não queres que fiquemos aqui contigo?

SAB.: Não.

MATR.: Por que não?

SAB.: Não seja o meu consolo, o vosso incômodo. Já basta que três noites tenhais permanecido comigo. Ide em paz e passai bem.

10 MATR.: Não vais conosco?

SAB.: Não.

MATR.: E que pensas fazer?

SAB.: Ficar aqui, para o caso de que ocorra o que peço e se cumpra o que desejo.

MATR.: Que pedes? Que desejas?

15 SAB.: Unicamente isto: que, completando minhas orações, seja eu levada por Cristo.

MATR.: Então, convém que esperemos para dar-te sepultura.

SAB.: Como queirais. Senhor Jesus, que, antes de todos os séculos, foste gerado pelo Pai e, no tempo, gerado pela Virgem Mãe; que, de duas naturezas admiravelmente consistes num único Cristo, sem que a diversidade de naturezas divida a unidade da pessoa, nem a unidade de pessoa confunda a diversidade de naturezas; a Ti, dêem glória toda a corte de anjos e a doce harmonia das estrelas. A Ti, também louve a ciência de tudo o que é cognoscível e tudo que é formado da matéria dos elementos, porque Tu, que com o Pai e o Espírito Santo sois espírito e não matéria, pela vontade do Pai e cooperação do Espírito Santo, não desdenhaste fazer-te homem, com humanidade passível, sem quebra da divina impassibilidade. E, para que nenhum dos que crêem em Ti se perdesse e todos os fiéis vivessem eternamente, não dedignaste experimentar a nossa morte e destruí-la com Tua ressurreição.

Recordo-me, ó perfeito Deus e perfeito homem, da promessa que fizeste (a todos que pela veneração de Teu nome, abandonassem o uso e a posse das coisas terrenas, ou pusessem o afeto carnal dos parentes), de que receberiam, em troca, o cêntuplo de recompensa e seriam agraciados com o troféu de vitória de vida eterna. Animada, pois, pela esperança dessa promessa, fiz o que ordenaste: de livre vontade, entreguei-te as filhas que gerei.

Por isso, ó Piedoso, não te demores em cumprir as promessas, mas faz com que eu, livre, o mais depressa possível, dos vínculos do corpo, me alegre com o encontro das filhas, que não tardei em entregar para serem mortas por Tua causa, a fim de que, seguindo elas a Ti, o Cordeiro da Virgem, e entoando elas um cântico novo, possa eu regozijar-me, ouvindo-as, e alegrar-me com sua glória. E, ainda que não possa entoar o canto da virgindade, mereça eu, todavia, louvar com elas, pela eternidade, a Ti que, não sendo o mesmo que o Pai, és igual ao Pai, com o qual e com o Espírito Santo, como único Senhor do universo, único dominador absoluto das causas últimas, médias e próximas, reinas e imperas pelos séculos intermináveis da eternidade.

MATR.: Recebe-a, Senhor. Amém.

([1]) O original, Sapiaientia, encontra-se em PL 137, 1045-1062. Autores diversos grafam de modos variados o nome Rosvita: Rosvita, Hrotsvitha, Hrotsvita, Roswitha etc. Ao

longo deste estudo, citaremos a peça, indicando em romano a cena e em arábico a fala. Assim, p. ex., III, 17 é a 17ª fala da Cena III.

([2]) Isso reflete-se, por exemplo, no *De spectaculis* de Tertuliano, escrito pelos começos do século III: "O teatro é, sem tirar nem pôr, o santuário de Vênus. Daí golfou a impureza por esse mundo além... O que é mais próprio e peculiar da cena, a malícia do gesto e dos requebros corporais - disso fazem oferenda a Baco e Vênus: à deusa, pelo desbragamento sexual e a Baco, pelas copiosas libações. Cumpre-te ter em asco, ó cristão, as coisas cujos autores não podes deixar de odiar etc." (TERTULIANO *Os Espetáculos*, Lisboa-São Paulo, Verbo, 1974, pp. 99-100). Não se trata somente de rigorismos de um Tertuliano, mas de opinião bastante generalizada: S. Isidoro de Sevilha, por exemplo, refere-se ao teatro como prostíbulo e lupanar (Etym., XVIII, 42, 2; PL 82, 657C)..

([3]) GILSON, Étienne. *La filosofia en la Edad Media*. 2ª ed., Madrid, Gredos, 1972, p. 215.

(4) SCHNEIDERHAN, Joh. *Roswita von Gandersheim - die erste deutsche Dichterin*. Paderborn, Bonifatius-Druckerei, 1912, p. 87.

(5): RICAUMONT, J. de. "Le théâtre de Hrotsvitha". *La Table Ronde* nº. 166, 1961, p. 64.

(6): PL 137, 972-973.

([7]) Note-se que as meninas da peça - como é freqüente nos mártires - só morrem pela espada, e não por outros meios. Vieira, em sermão sobre Xavier, destaca uma razão para esse fato: Deus não quer violar os foros do arbítrio (próprio do homem, e não de bestas ou elementos como o fogo e a água: a espada aparece, assim, como uma extensão do homem).

([8]) DANIEL-ROPS. *L'Église des Temps Barbares*. Paris, Ed. Arthème Fayard, ed. 1956, p. 626.

([9]) GIRARDI, M. "Le fonti scritturistiche delle prime recensioni greche della passio di S. Sofia e loro influsso sulla redazione metafrastica". *Vetera Christianorum* 20, 1983, p. 47-48.

([10]) PG 115, 498-514.

([11]) Assim, à pergunta do Imperador: "Dize, que vieste fazer entre nós?" (III, 24), Sabedoria responde que veio consagrar as filhas a Cristo; já segundo Simeão Metafraste (e os relatos pré-metafrásticos), era o martírio que ela buscava (Ibidem, 499 D. Cfr. também p. 47 do, já citado artigo de Girardi. Sobre a monastização do enredo, veja-se também V, 113 e a prece final, na cena IX). Digno de nota, ainda, é o apelo proselitista que Rosvita faz às mães para que encaminhem suas filhas ao mosteiro, pondo na boca da heroína-mãe, as seguintes palavras: "Para isto, dei-vos o leite materno, com tanto carinho vos nutri: para vos dar ao Esposo celestial, não terreno; para que, por vós, seja eu digna de ser sogra do eterno Rei" (IV, 7). Utilizando a curiosa expressão "sogra de Deus", Rosvita dá curso à formulação de São Jerônimo, que também visava, e expressamente, animar as mães a fomentar a vocação monástica das filhas: a tradicional idéia de matrimônio espiritual com Cristo, pela virgindade consagrada, é estendida - o gosto é muito discutível - para o parentesco indireto. Referindo-se à vocação das filhas, diz Jerônimo às mães: "Ó mãe, achas ruim que tua filha queira desposar um rei, em vez de um soldado? Ela assim (consagrando-se em virgindade a Cristo) presta-te um grande serviço: tu te tornas sogra de Deus!" (S. JÉRÔME, *Lettres Choisies*, vol. I, ed. bil., Paris, Garnier, s.d., carta XI, p. 79. Ou PL 22, ep. 22.). Contra tal abuso de linguagem, levantou-se Rufino: pode-se dizer da virgem consagrada que é esposa de Cristo. Mas, a partir daí, chamar a mãe carnal de sogra de Deus, é ímpio: "Só te falta agora, ó Jerônimo, chamar de sogro de Deus, o pai da moça; de cunhadas de Deus, suas irmãs; e de nora de Deus Pai, a própria moça" (RUFINO *Apologiae Liber Secundus*, PL 21, 593. A controvérsia patrística sobre este tema foi-me indicada pelo saudoso D. João Mehlmann.

([12]) Girardi, art. cit. p. 47.

([13]) Só quem ignora as fontes, pode ainda imaginar essa época como carrancuda; é, pelo contrário, popular com tudo o que o caracteriza: é a época das charadas e adivinhas, das trovas, do teatro bem a gosto do povo. Cfr. nosso artigo "Aspectos do lúdico na Pedagogia Medieval" *Revista da Faculdade de Educação da USP*, vol.17, No. 1/2, pp. 35-64.

([14]) GEISENHEYMER, Max. História da Cultura Teatral. Lisboa, Aster, 1961, p. 78.

(15) Conceção, aliás, explícita em Rosvita: "Há um passo da epístola que encima suas Comédias e que foi dirigida `aos sábios críticos de sua obra' que não pode ser esquecido. Diz aí Rosvita que reconhece os talentos que Deus lhe deu e não os esconde por falsa modéstia, esperando que através de sua obra, sejam reconhecidos, e que tanto mais ela merece louvor `quanto mulieribus sensus tardior esse creditur', ou seja: quanto se acredita que as mulheres sejam intelectualmente inferiores aos homens" (NUNES, Ruy "A Dramaturga Rosvita" O Estado de S. Paulo, 24-10-70). Não nos devemos deixar enganar, quando, em seu "Prefácio" ela aparentemente endossa expressões como "feminea fragilitas", "virile robur", ou "mei opusculum vilis mulierculae" (PL 137, 973), pois só os mais ingênuos dentre os homens, caem nesse conto.

(16): SEDÚLIO. Paschalis Carminis. Livro I, v. 319-320; PL 19, 586. Também esta nota devo a D. João Mehlmann.

([17]) Três milhas de Roma... quarto dia; preferimos esta tradução ainda que a apresentação original diga: cinco milhas de Roma e quadragésimo dia (o que contradiz VIII, 7 e IX, 9; por onde se vê que houve erro nesta apresentação).

([18]) Cf. Dan. 3, 46 e ss.